



OS JOGOS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Eder Rodolfo Feltrin

Universidade Estadual de Maringá

Cristina Cerezuela

Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Os jogos teatrais podem ser usados como mote para iniciar o diálogo com os alunos acerca da Educação Sexual. Para responder a problemática de pesquisa: “em que medida a aplicação dos exercícios de jogos teatrais no ambiente escolar contribui para a reflexão e desmistificação das identidades de gênero e sexualidade?”, este artigo teórico descritivo define jogos teatrais e sua aplicabilidade no contexto da Educação Básica; conceitua gênero e sexualidade; e, explica como os jogos teatrais podem contribuir para o seu entendimento. Conclui que o ato de criar opera um impulso produtivo e seu resultado está repleto de construtos sociais e culturais. Entre os construtos, estão o gênero e a sexualidade. As criações expressam a cultura a que os alunos estão inseridos, os aspectos políticos e as representações sociais que os constituem e que são consolidadas pelo meio social.

Palavras-chave: Jogos Teatrais; Teatro-educação; Educação Sexual; Gênero; Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Os exercícios de jogos teatrais são aplicados em aulas de teatro com o intuito de aumentar o potencial de criação em Artes Cênicas. Possibilitando ao ator melhor desenvoltura em cena, improvisação e consciência corporal. Os jogos teatrais podem ser usados como mote para se iniciar uma discussão com os alunos quanto a questão de Educação Sexual. Com um jogo simples de criação de cenas feitas a partir de temas relacionados a gênero e sexualidade. É necessário, então, entender

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



como os jogos teatrais servem para levantar preposições para diálogos de assuntos do âmbito da Educação Sexual. O problema deste artigo é como a aplicação dos exercícios de jogos teatrais no ambiente escolar propicia o entendimento das noções de gênero e sexualidade.

O objetivo geral deste trabalho é compreender os jogos teatrais como ponto de partida para discutir entre os alunos as identidades de gênero e sexualidade. E seus objetivos específicos são: definir jogos teatrais e sua aplicabilidade como atividades dentro da escola, discutir os conceitos de gênero e sexualidade e explicar como a partir da aplicação de jogos teatrais pode-se desenvolver uma Educação Sexual quanto a noção de gênero e sexualidade. Pelos objetivos expostos, o estudo em tela assume as definições da pesquisa exploratória que tem como foco principal o aprimoramento de ideias proporcionando “maior familiaridade com problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (GIL, 2007, p. 41). Ao considerar o planejamento da pesquisa com ênfase nos procedimentos técnicos de coleta e análise de dados, esta pesquisa será bibliográfica.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS JOGOS TEATRAIS NO ÂMBITO ESCOLAR

A sistematização de uma proposta utilizando os jogos teatrais foi elaborada primeiramente pela americana Viola Spolin, ao longo de quase três décadas de pesquisas junto a crianças, pré-adolescentes, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Para Spolin (2010, p. 4) “[...] o jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e liberdade pessoal necessário para a experiência”. Utilizando a estrutura do jogo com regras como base para o treinamento de teatro, ela objetiva libertar o aluno de comportamentos mecânicos e rígidos.

No jogo teatral ocorre uma situação imaginária, todos os alunos participam de um “faz de conta”. O grupo de alunos que joga pode se dividir em times que se alternam nas funções de atores e de público, isto é, os sujeitos jogam para outros que os observam e observam os que jogam. Pois como menciona Souza (2011, p.

Realização:



Apoio:

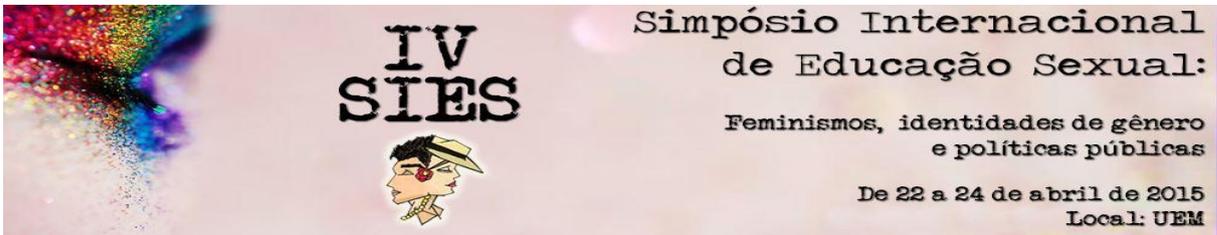


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





23), “[...] jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas, claramente direcionadas para observadores, ou seja, para que o jogo ocorra é importante à presença de um público.” Os jogos teatrais são intencionalmente dirigidos para o outro.

Os papéis de cada jogador não são estabelecidos a priori, eles emergem a partir das interações que ocorrem durante o jogo. O processo se desenvolve a partir da ação improvisada, sem nenhuma preocupação com resultados estéticos cênicos pré-concebidos ou artisticamente planejados e ensaiados.

O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral e do teatro improvisacional, isto é, a comunicação que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre sujeitos mediados pela linguagem teatral, que se encontram engajados na solução cênica de um problema de atuação. (JAPIASSU, 1998, p. 3).

O jogo tem a finalidade de produzir uma interação entre os pares, de maneira que há um acordo estabelecido (regras do jogo). Cada qual traz uma intenção, no entanto para que ocorra o jogo há de se exercitar a intuição, tendo a ideia inicial de um jogador prevalecendo. O jogador deixa sua prévia intenção, sendo generoso e indo a favor da ideia dos demais. Acaso cada um não ceder e permanecer na sua ideia, não há jogo, não há interação. “A presença, a disponibilidade, a escuta, a facilidade para acolher as novidades são qualidades que se desenvolvem nos jogos e que nos levam a uma ideia humanista.” (RYNGAERT, 2009, p. 60). No jogo o aluno desenvolve a sensibilidade de ir a favor da proposta do seu par, o saber reagir ao outro. Ancorado pela imaginação, criando possibilidades maiores que o jogo continue. Escutar a fala do parceiro, apropriando-se dela e posteriormente conduzindo esta proposta como desejar.

O jogo desenvolve no indivíduo uma espécie de flexibilidade de reações, pela diminuição das defesas e pela multiplicação das relações entre o fora e o dentro. O jogo é um recurso contra condutas rotineiras, ideias preconcebidas, respostas prontas para situações novas e medos antigos. (RYNGAERT, 2009, p.60)

Realização:



Apoio:

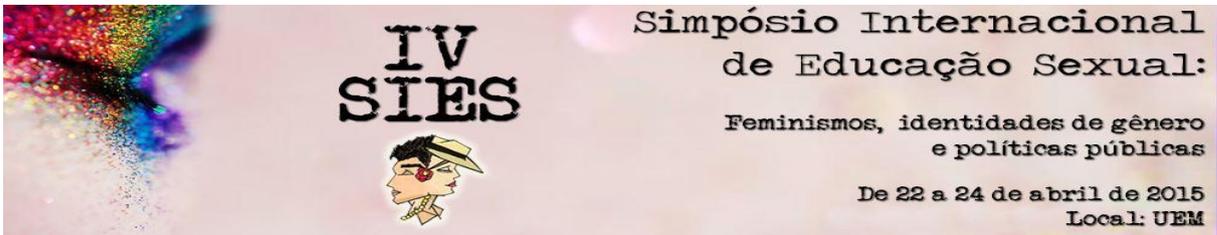


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Ao jogar mostra-se uma interação. Nesta interação, cabe haver um distanciamento, uma relação direta ou indireta, também o exercício de ceder e ser generoso para que a congruência e viabilidade permaneçam. Ou seja, é o esquema de “entrar no jogo no outro”. O exercício de jogar desenvolve possibilidades maiores de relação para com o grupo, não apenas no teatro, mas também para com os demais membros da sociedade.

Os jogos teatrais podem ser cabíveis tanto para a formação de atores quanto para desenvolver inúmeras competências no aluno (BARROS, 2011). Não se restringe apenas ao fazer cênico, podendo ser aplicado no ambiente escolar pelos professores com a finalidade de uma interação criativa, produtiva e participativa. Os jogos teatrais se tornam recursos didáticos e pedagógicos que possibilitam o desenvolvimento do aluno ao oferecer experiências que afetam vários aspectos de seu crescimento.

Portanto o teatro aplicado à educação possui o papel de mobilização de todas as capacidades criadoras e o aprimoramento da relação vital do indivíduo com o mundo; e os jogos dramáticos liberam a criatividade e humanizam o indivíduo, pois o aluno é capaz de aplicar e integrar o conhecimento adquirido nas demais disciplinas da escola e, principalmente, na vida. (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 3).

As contribuições que os jogos teatrais proporcionam perpassam tanto as questões de flexibilização perante as situações diárias, o respeito para com o outro, quanto pela própria consciência e expressão corporal. Há um desenvolvimento em aspectos afetivos, cognitivos e de motricidade.

REFLEXÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

A sexualidade, normalmente, é vista por muitos como algo natural que o ser humano possui. Não levando em consideração a sua dimensão social e política.

Realização:



Apoio:



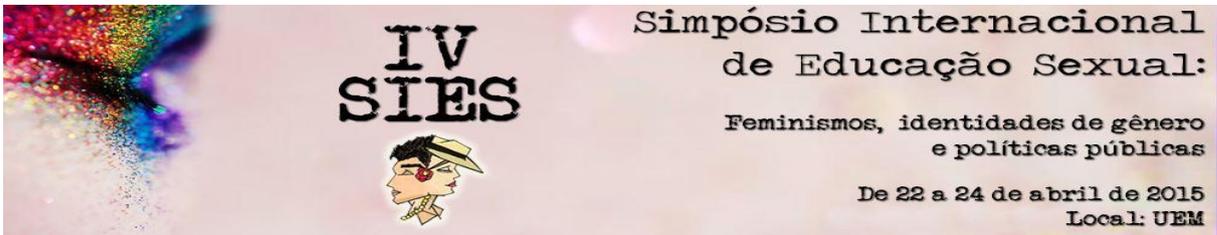
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Acaba sendo entendida como inerente ao sujeito, regida pela anatomia e fisiologia do corpo, pertencente à própria natureza humana. Essa visão remete a todos como vivendo com corpos que reagem de maneira uniforme e de tal forma que o corpo se torna o único catalisador da sexualidade.

Outra visão da sexualidade, a vê como um complexo processo que envolve linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções. Ou seja, que envolve outros processos profundamente culturais e plurais. Nesse modo de olhar, o natural e o inerente perdem sua vez para diálogos culturais, sociais, políticos e históricos. A sexualidade é definida por processos culturais, por produção e transformação que a torna histórica, tendo um sentido social junto ao corpo.

A sexualidade é regulada e normatizada por discursos que instauram saberes e ditam verdades, portanto é um dispositivo histórico. (FOUCAULT, 1988) Esse dispositivo é um conjunto de discursos, instituições, organizações, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1993).

As identidades que pertencem a um sujeito, constituem-no. São impostas por situações, instituições e agrupamentos sociais. “É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc.)” (LOURO, 2000, p. 9). As identidades de gênero são ensinadas e reiteradas em uma cultura conforme suas normas e valores. Acaba por ser uma construção caracterizada por marcas, gestos, comportamentos, preferências e desgostos a uma determinada conduta de ser dos sujeitos inseridos em uma dada sociedade. “Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado.” (LOURO, 2008, p. 1).

A polarização dos gêneros (feminino e masculino) é feita segundo uma cultura, que coloca seu discurso e caracterização nos corpos de mulheres e homens. “São os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos

Realização:



Apoio:

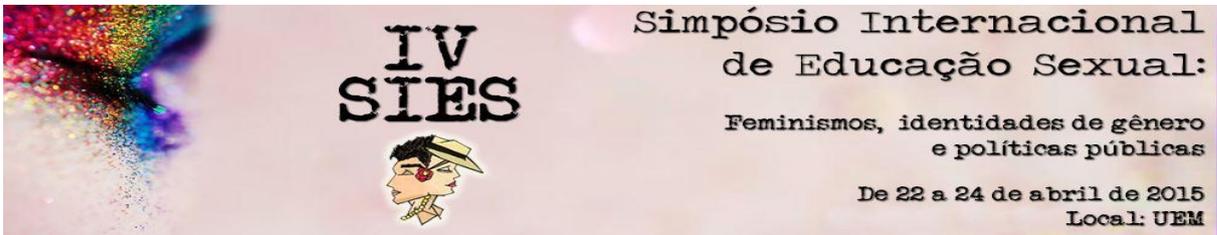


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos” (LOURO, 2004, p. 80). As ações de praticar a sexualidade e dela expressar prazer e desejos são estabelecidas pela sociedade a qual o sujeito está incluso. O social codifica tais ações dentro de sua gama de significados. Segue assim com as identidades de gênero, que são moldadas pelas relações sociais e suas redes de poder.

As condutas e ações de se praticar a sexualidade são criadas e refeitas num processo temporal e cultural, que acabam por serem acomodados e assimilados pelos corpos da sociedade. Ditando normas e regras de como usá-los para o prazer. Da mesma forma, ditames sociais são impostos a respeito de formas de ser e características de determinado gênero, sendo respaldado pela comparação binominal masculino/feminino. “Nada há de puramente natural e dado em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura.” (LOURO, 2008, p. 2).

As instâncias sociais e culturais insinuam nas várias situações as aprendizagens e práticas de construir os gêneros e sexualidades. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Estão na memória corporal e cognitiva as ações e posturas dos gêneros inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais.

GÊNERO E SEXUALIDADE NOS JOGOS TEATRAIS

Dentro do jogo o aluno produz, cria a partir de suas possibilidades. Sua ação criadora ao montar uma cena (especificando onde, como e quem) na proposta do jogo teatral, suscita sua criatividade. A criatividade é desenvolvida no sujeito a partir de suas relações com o meio e de suas experiências com os elementos que constituem este meio, ou seja, a cultura e a sociedade.

Realização:



Apoio:

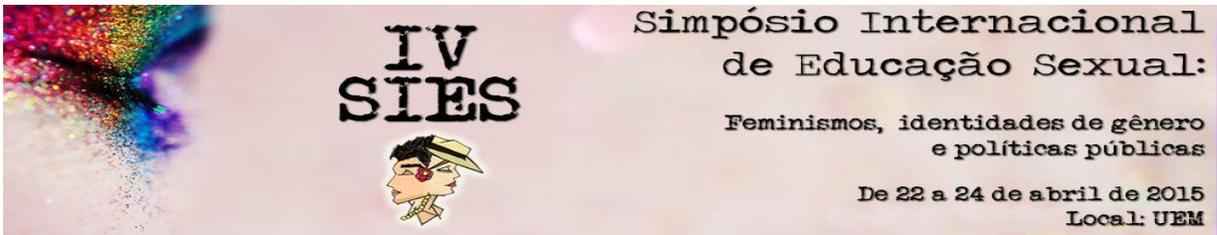


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Vygotsky (1982, p. 7) conceitua a atividade criadora como “toda realização humana criadora de algo novo, quer se trate de reflexos de algum objeto do mundo exterior, quer de determinadas construções do cérebro ou do sentimento, que vivem e se manifestam apenas no próprio ser humano”. Para o psicólogo russo, existem dois tipos básicos de impulsos na conduta de criação por parte do homem: o impulso reprodutor ou reprodutivo, vinculado à memória. E o impulso criador estreitamente relacionado à imaginação.

O impulso de reprodução demonstra a importância que tem, para o homem, a vivência de sua experiência exterior e em que medida isto o ajuda a conhecer o mundo que o rodeia, criando e fomentando hábitos permanentes que se repetem em circunstâncias idênticas. [...] impulso criador do cérebro humano não se limita a reproduzir: ele combina, reelabora, cria com elementos de experiências passadas novas formas e traçados. Esta atividade criadora é alicerçada, sobretudo, naquilo que a psicologia chama imaginação ou fantasia. (HONORATO, 2007, p. 50-51).

A base de toda atividade criadora acaba por ser a imaginação, a memória e a soma de experiências. Quando o professor propõe um jogo teatral a qual se necessita criar dentro do tema especificado, o aluno ao desempenhar o jogo usa sua criatividade, recorrendo a imaginação que está alicerçada na memória e experiências. Ao propor aos alunos que criem cenas, especificando o como, onde e quem, a partir dos temas de sexualidade e identidade de gênero, o resultado apresentado são reflexos do âmbito cultural, histórico e social a qual os sujeitos estão inseridos.

Ao usarem a criatividade para criarem as cenas, os educandos expõem toda uma gama de moldagens e preceitos recebidos de suas experiências. São reflexões a respeito de gênero e sexualidade que estão embutidos na sociedade, sendo ensinados por pedagogias institucionais. As cenas servem como uma amostra para se refletir os temas tratados, levando os alunos a pensarem e dialogarem a respeito dessas construções de sexualidade e identidade de gênero que carregam consigo.

Realização:



Apoio:



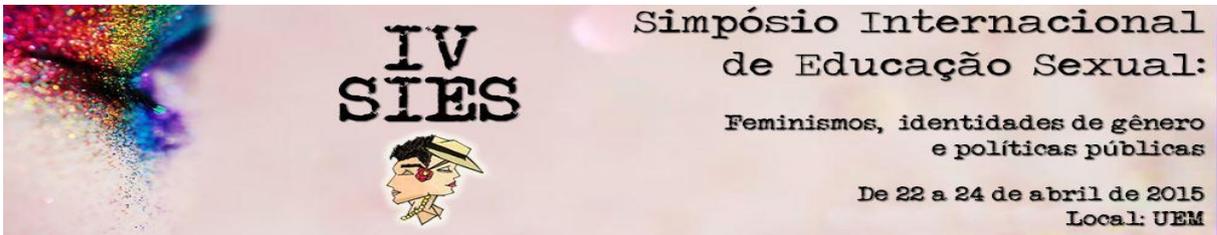
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Com a discussão dessas questões a diferença pode ser ensinada, para os alunos aprenderem a viver o gênero e a sexualidade na cultura. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. (LOURO, 2008, p.23)

As discussões propostas pelo professor a partir das cenas podem ser guiadas por interrogações destas construções, como por exemplo: como isso tudo aconteceu e acontece? Através de que mecanismos? Se em tudo isso estão implicadas hierarquias e relações de poder, por onde passam tais relações? Como se manifestam?

CONCLUSÃO

Os jogos teatrais são práticas para atores e não atores para que se exercite a concentração, a prontidão, o foco, estar atento para situações inesperadas. Estas situações exercitadas em determinados jogos são usadas em nossas relações com o outro e com o meio que nos cercam. O fato é que os jogos possibilitam a flexibilização, o entrosamento, o entender e o respeitar, condições necessárias para um convívio saudável em sociedade. O professor pode utilizar os jogos teatrais como atividades dentro de seu planejamento de aula, pensando em objetivos diante dos benefícios da aplicação destes jogos no âmbito escolar. Não se restringindo apenas as matérias de Artes e Educação Física, visto que seus efeitos são importantes para todas as áreas do saber.

Outra possibilidade que o jogo teatral viabiliza: a partir da criação de cena em grupo, levantar diálogos a respeito de Educação Sexual, no que tange as noções de gênero e sexualidade por parte dos alunos. As cenas servem como modelos para entender que essas noções são construções da sociedade e da cultura a qual o sujeito está inserido, mantido por pedagogias institucionais. A criatividade, usada para desenvolver a criação das cenas, parte das experiências e memórias

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



resultantes do meio. Entendendo que o ato de criar opera, neste caso, com um impulso criador e o resultado da criação está repleta de construtos sociais e culturais. Entre esses construtos moldados estão as identidades de gênero e a sexualidade.

O professor pode a partir dessa reflexão feita anteriormente, levantar questões de ordem de gênero e sexualidade para iniciar discussões, tendo as cenas resultantes dos jogos como propulsoras para este diálogo. Pois essas criações refletem a cultura a que estão inseridos estes alunos, o que leva para apontamentos de conexão entre os aspectos constitutivos e políticos dos sujeitos, suas identidades, as representações sociais que os constituem e que são construídas, articuladas e experienciadas no âmbito do social.

REFERÊNCIAS

BARROS, E. R. O. et al. Vigotski e o Teatro: Descobertas, Relações e Revelações. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 229-240, abr./jun. 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**, v.1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GIL, A. C. **Como laborar projetos de pesquisa**. 4 ed., 9. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

HONORATO, A.R.S. **As experiências com literatura nos relatos das crianças: Abrindo Espaços de Narrativa**. 2007. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Extremo Sul Catarinense. 2007.

LOURO, G.L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G.L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





LOURO, G.L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e *teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p.17-24, maio/ago. 2008

JAPIASSU, R. O. Jogos teatrais na escola pública. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 81-97, jul./dec. 1998.

RYNGAERT, J.P. **Jogar, representar**. Tradução de Cassia Raquel da Silveira. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SANTOS, A.N.; SANTOS, A.N. O Teatro e suas Contribuições para Educação Infantil na Escola Pública. In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 10. 2012. Campinas. **Anais...** Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012, p. 5452-5463. Livro 3.

SOUZA, F. B. **Professor e aluno criativos**: estimulando a criatividade por meio de jogos e atividades lúdicas em sala de aula. 2011. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. 3. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **El arte e la imaginación en la infancia**. Madrid: Akal, 1982. 128p.

THE THEATRICAL GAMES OF SEXUAL EDUCATION

ABSTRACT

Theater games can be used as a theme to start the dialogue with students about sexual education. To answer the research problem, "to what extent the application of theater games exercises in the school environment contributes to reflection and demystification of gender identities and sexuality", this descriptive theoretical article

Realização:



Apoio:



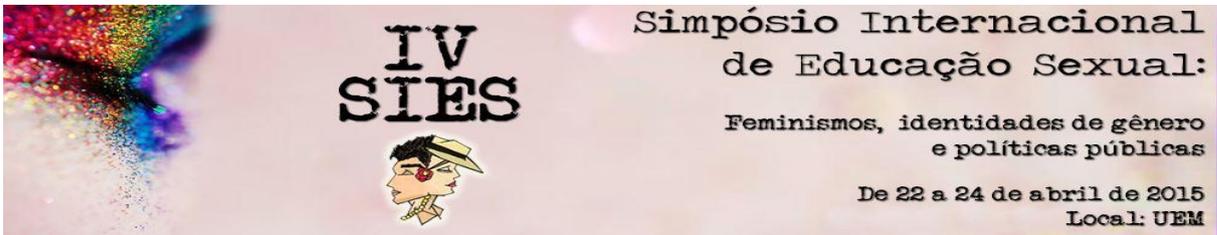
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



defines theater games and their applicability in the context of Education basic; conceptualizes gender and sexuality; and explains how theater games can contribute to your understanding. Concludes that the act of creating operates a productive impulse and its result is full of social and cultural constructs. Between the constructs are gender and sexuality. The creations express the culture to which students are entered, the political aspects and the social representations that are and that are consolidated by the social environment.

Keywords: Theater Games; Theater-education; Sex Education; Gender; Sexuality.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:

